ZERO HORA KGR00642
190 28/01/83

Briga de caciques

Equipe da Funai busca acordo de paz

De André Pereira (textos) e Adolfo Alves (telefotos — cortesia Foto Avenida), enviados especiais

Uma equipe de quatro membros da Fundação Nacional de Apoio ao Índio (Funai) viajou ontem, no início da tarde, para a área indígena de Miraguaí, com o objetivo de achar uma solução entre as duas alas da tribo de índios caingangues, que estão em conflito há vários dias. Segundo o responsável interino pela Funai na 13ª Delegacia Regional — que abrange o Rio Grande do Sul — Elio Rodrigues Neves, nas últimas horas as agressões físicas pararam, o que é um sintoma de que em pouco tempo o impasse poderá ser completamente solucionado.

O grupo que viajou para Miraguaí, às 14 horas de ontem, está composto pela antropóloga Paula Elizabete Ebling, atualmente respondendo como delegada interina em substituição ao titular, Zeferino de Toni; João Ferraressi, engenheiro-agrônomo atuando no Rio Grande do Sul; Afonso Guimarães, procurador jurídico-geral da Funai, que veio de Brasília; e Lídio Della Betta, chefe do posto indígena da 11ª delegacia Regional com sede em Governador Valadares, Minas Gerais. Este último integrou a equipe para reforçar os esforços de pacificação, pois conhece muito bem a tribo, por ter sido chefe do posto de Miraguaí.

Conforme afirmou Elio Rodrigues Neves, os primeiros contatos com os índios foram feitos no início desta semana, quando a facção que apóia o cacique eleito, Domingos Ribeiro, esteve em Porto Alegre pedindo apoio à Funai. Eles partiram de Porto Alegre sem nenhuma proposta fechada. Esperam ouvir o outro setor, liderado pelo cacique Ivo Salles e, a partir daí, tentar uma forma que consiga conciliar as duas partes. Os representantes de da Funai não acreditam que possam ocorrer novos conflitos e esperam estar de retorno à Capital ainda neste final de semana.

Com a chegada do procurador da Fundação Nacional do Índio (Funai), Afonso Augusto de Morais, à conflituada área indígena de Miraguaí, hoje pela manhã, os índios caingangues esperam que a briga pelo poder promovida pelo cacique Ivo Sales e pelo capitão Domingos Ribeiro chegue ao fim sem que as armas sejam usadas. Tudo indica, porém, que a situação não será resolvida definitivamente com um provável acordo patrocinado pela Funai entre as facções que disputam cargos de mando da tribo. Por trás dessa questão política existem fortes interesses econômicos, envolvendo arrendamento das terras e a venda da madeira dos 23 mil hectares dessa reserva, cujas valiosas matas nativas atingem mais da metade de sua área total. Assim, em ansioso compasso de espera, separados por apenas quatro quilômetros de distância, os dois grupos só aguardam a ordem de paz. Ou talvez de guerra.

Crianças, mulheres e velhos caingangues estão instalados precariamente na Igreja de Miraguaí.

1 Na igreja de Miraguaí, os índios esperam. Tensos e esperançosos

Amontoados no chão de cimento do Salão Paroquial da Igreja de Miraguaaí, eles esperam há cinco dias e cinco noites pelo direito de retornar à casas que foram forçados a abandonar no último domingo. As crianças choramingam de fome. Os velhos mantêm-se aquietados, silenciosos e distantes como se não entendessem bem o que está acontecendo. Alguns homens dormem em pé. Às vezes os soldados da Brigada Militar invadem o pavilhão para requisitar garrafões de cachaça que os índios escondem perto do sanitário, onde o forte mau cheiro que se espalha desencoraja vistorias mais rigorosas.

Mas ninguém se queixa dos brigadianos que foram chamados em Três Passos a 40 quilômetros desta pequena cidade de 8 mil habitantes e onde o PDS venceu as últimas eleições, destronando a oposição costumeiramente vitoriosa na região. Ninguém se queixa da Polícia Federal buscada ontem mais uma vez em Santo Ângelo. Dizem que os federais e os militares os protegem contra os policiais indígenas, comandados pelo atual cacique Ivo Sales, que os expulsou da reserva Guarita. "Se não fossea Polícia, o Ivo tinha mandado nos matar", conta Dorvalino Demétrio, um dos índios que diz estar há cinco noites sem dormir. Dorvalino tem medo. Foi à cidade de Redentora ontem e descobriu que os brancos passaram armas para os índios de Ivo. "Lá em Redentora comentam que até o ex-prefeito, Nilo Revel, como outros arrendatários das terras indígenas, estão dando armas para o Ivo continuar cacique", jura Dorvalino. "Eles tem 26 armas de fogo".

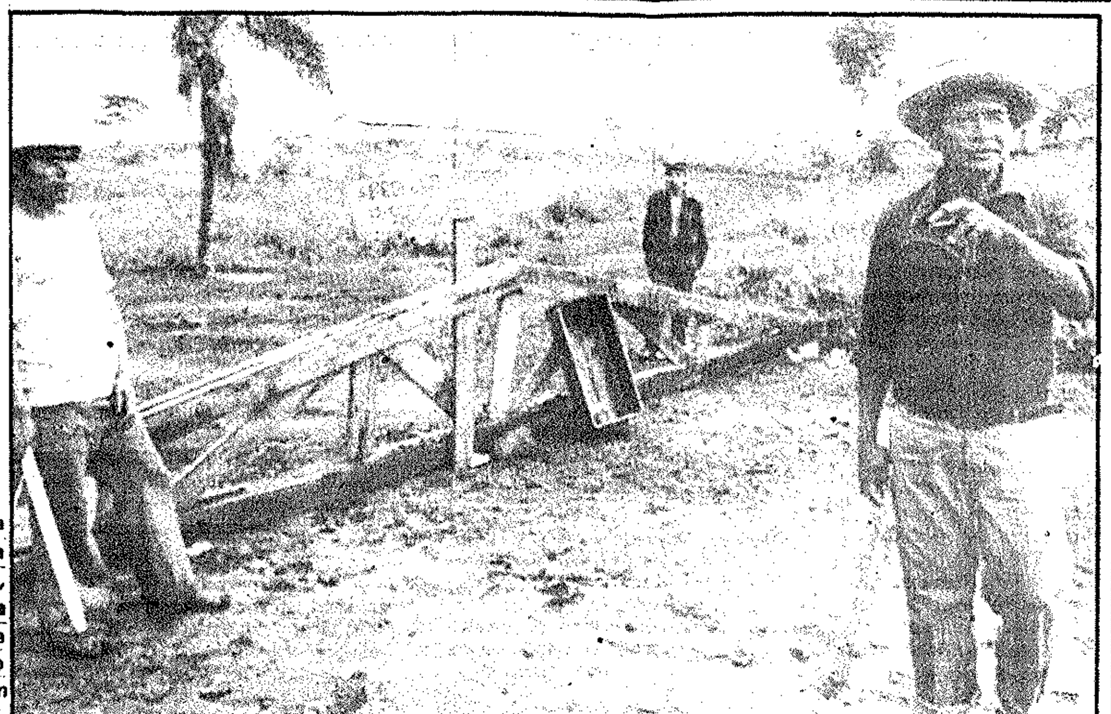
No salão paroquial, todos juram que não portam armas de fogo. Dizem que só têm porretes e facões para se defender de possíveis ataques dos atuais mandantes da tribo. Mas dizem também que não voltam para a reserva se Ivo permanecer no lugar. Ivo tem que ser transferido para outra reserva, tomando o mesmo destino que ele reservou para o antigo cacique Sebastião Alfaiate, indicando-lhe o rumo do posto indígena de Nonoai assim que tomou o poder da tribo há seis meses.

"Ninguém aqui quer mais o Ivo como cacique", diz Gilson Ribeiro. "O dinheiro dos arrendamentos das nossas terras e das madeiras vendidas não aparece em benefício dos índios. Ele não pode mais ser cacique de quase 3 mil índios.

Então reunimos e escolhemos o capitão Domingos Ribeiro para ser o novo cacique". Acusam Ivo de corrupção, contando, entre outras coisas, que ele possui cinco carros, mas sequer tem carteira de motorista. "Quando multam ele, o Ivo vai lá e paga e fica tudo bem", diz Dorvalino. "Então ele vive dizendo que tem poder e dinheiro".

Dorvalino Vilson e os 100 índios que acampam no salão paroquial não dormiram outra vez ontem à noite, esperando que o capitão Domingos Ribeiro retornasse de Porto Alegre para esperar as boas notícias. Mas ele só chegou às 7h30min e sem o agente da Funai que os índios aguardavam. Domingos, um índio baixo e gordo, chegou saudado pelos gritos dos companheiros que ficaram: Ordenou que descarregassem as 20 melancias que trouxe para alimentar a tribo. Depois falou ao grupo, informando que hoje o doutor Afonso, da Funai de Brasília, e a dona Paula, da Funai de Porto Alegre, chegarão à reserva para resolver a questão.

Ouviu-se alguns resmungos contrariados. Algumas expressões de consolo. Algumas palavras de esperança. Em seguida, todos preocuparam-se mais em encontrar facas para cortar as melancias.


Na entrada da reserva de Guarita, a polícia indígena controla a movimentação de quem ingressa ou sai.

Armados de facões e pedaços de paus, os índios se mostram desconfiados com estranhos

2 Ivo Salles acusa: "Complicaram a lei e a ordem de toda a comunidade"

Cacique Ivo Ribeiro Sales não quer conversa com brancos. Alto e forte, preenchendo todo o vão da porta de sua casa com o robusto corpanzil, o cacique mostra um ar carrancudo aos brancos que o procuram. A seu lado o tenente Eloir Jacinto ergue a espingarda. "Quem são vocês? O que querem aqui?" indaga ele sem alterar a voz firme. Os índios que matavam o tempo em uma palhoça próxima conversando entre goles de cachaça, na sede do posto indígena de Guarita, em Miraguaí, se aproximam carregando porretes e facões.

É um pequeno gesto de 70 homens escuros e baixos, a maioria com os pés descalços, cobertos de barro. As mulheres observam de longe e com os filhos montados no colo dirigem-se rapidamente para o interior das casas. Ficam espiando atentas a conversação dos homens. O cacique Ivo acaba concordando em falar com os brancos, diante da argumentação de que só o grupo de Domingos está divulgando sua versão. Convida o estranho para uma varanda onde é obrigado a executar gestos repetidos com as mãos para afastar as moscas do seu rosto. O tenente armado senta ao seu lado, diante de uma pequena mesa de fórmica. E, ao redor da mesa, de pé, ficam seus policiais, os conselheiros e os representantes da hierarquia militar dos cinco setores da reserva dirigidos por capitães.

Então, o cacique começa a falar, contando como tudo começou há uns 10 dias. Conta que prendeu um índio chamado Antônio Soares, "porque embarrigou uma menina". Não diz o nome nem a idade da menina "para não envergonhar a comunidade". Afirma que o pai queria que ela casasse com Antônio. "O índio não quis, aí executei ele", diz o cacique explicando a execução: "Dois dias de cadeia, sem comida nem água. Depois soltei ele e avisei que, quando a criança nascer a gente faz exame para ver se tem o mesmo sangue dele. Aí ele casa".

TRAIÇÃO E ROUBO

Quando Antônio foi preso, segundo o cacique, começou a revolta do grupo de índios dirigidos pelo candidato a vereador derrotado nas últimas eleições, Domingos Ribeiro. "Disseram que iam me matar na minha casa mesmo", conta o cacique explicando por que tem a sua volta um contingente de 70 homens. O cacique vai contando outras histórias sobre Domingos Ribeiro. São histórias de traição, roubo, corrupção e violência. E a tribo concorda, apoiando as palavras do chefe. Ivo conta que nestes últimos dias dois policiais indígenas foram violentamente agredidos pelo grupo de Domingos Ribeiro. Na segunda-feira última, quando estava em Porto Alegre, o grupo de Domingos penetrou na reserva e tirou gente da cadeia, "arrebentaram tudo", diz ele e complicaram a ordem e a lei de toda a comunidade.

Acusa o grupo de Domingos de estar armado com revólveres e espingardas, seguramente adquiridas aos brancos interessados na valiosa madeira de área. "Aqui temos 12 mil hectares de mata nativa. Tudo planta boa, antiga, que vale uma fortuna", vai revelando o cacique, aproximando o assunto do real interesse que está escondido na dipusta pelo cargo de cacique desta reserva que tem 2.800 indígenas e 23 mil hectares de área total. "O Domingos é gerente da serraria e andava vendendo madeira para seu proveito", acusa ele e torna-se ainda mais incisivo: "O Domingos Ribeiro é ladrão de madeira".

Depois denuncia os próprios agentes da Funai no posto, atirando acusações contra Albertino Pereira Soares Filho, que deixou a tribo individada e contra seu atual substituto, Rui Cotrin, que ele responsabiliza pela venda da madeira bruta da reserva. "Eu não nego que assinei ordens para vender a madeira, mas fiz isso porque o Rui tinha assinado primeiro, dizendo que a ordem só valia se o cacique assinasse", confessa Ivo, admitindo que foram vendidos, no mínimo, 200 metros cúbicos de madeira autorizados por Rui Rodrigues.

Ou seja, o equivalente a Cr$ 3 milhão e 600 mil. "Mas eu não roubei este dinheiro como me acusam, o gerente da madeira é o Domingos", defende o cacique.

Cacique Ivo continua contando histórias acusadoras e se defendendo também. Aponta a arma que o tenente Jaciento empunhava, agora em repouso sobre a mesinha de fórmica, explicando que ela não pertence aos seus policiais. "É que a gente revista quem entra aqui para não sofrer traição", justifica ele. "Esse arma tiramos do índio José Maria de Matos, que também é motorista da Funai". Cacique Ivo fala que seus índios não estão armados e que quer mesmo eleições amplas na comunidade, onde imagina dominar dois terços da população. Cacique Ivo Ribeiro Sales repete que seus índios não estão armados. Dá por encerrada a conversa e ergue-se imponente, autoridade máxima da tribo — mas perde a pose quando faz o gesto rápido para espantar as moscas que teimam em pousar em seu rosto escuro.

Para o padre Weschenfelder culpa do conflito é da Funai

Para o padre Natalício José Weschenfelder, assessor da Pastoral Indígena do Paraná e membro da Comissão Pastoral da Terra daquele Estado, o problema do conflito entre os índios da reserva de Guarita, em Miraguaí, Tenente Portela, e Redentora, no Rio Grande do Sul, não é propriamente dos índios, e sim da Funai, que anda explorando as reservas brasileiras sem o mínimo de consideração.

O padre Natalício, de passagem por Cruz Alta, disse ter tomado conhecimento dos conflitos na reserva e acha que tudo vai se resolver sem maiores problemas. "A Funai explora os índios bastante, tanto que não quer nem ouvi-los, ameaçando-os de transferência de área, caso eles se manifestem contrários ao sistema", disse ele. "Em dez anos, a Funai tirou 15 mil pinheiros na reserva caingangue de Palmas, no Paraná e, agora, está ameaçando acabar com a maior reserva florestal de pinus do mundo, a de Mangueirinha, onde estão plantados cerca de 150 mil pés de pinheiros em áreas dos índios caingangues e guaranis".

O padre comentou, ainda, que a Funai sempre tirou madeira das reservas, entre elas o pinus e a imbuia, e fez projetos agrícolas que beneficiaram os próprios funcionários da Fundação, geralmente "militares da reserva sem o mínimo conhecimento da Antropologia".

Comentou, também, que os índios já estão cansados de tanto agüentarem esta situação, e começam a despertar para uma realidade deles próprios: "Estão vendo os erros e se manifestando contra isso".

O problema na reserva de Guarita, disse ele, é idêntico ao que acontece no Paraná. A Funai os explora, não deixa ninguém entrar na área indígena para conversar com os índios e saber dos seus problemas, e quer que tudo continue às mil maravilhas, coisa que parece estar mudando. O padre culpa a Igreja, até certo ponto, que começou a ministrar o sacramento desde 1500, época do descobrimento do Brasil, ou chegada dos portugueses a esta terra, e não os alertou sobre possíveis explorações de suas riquezas. "Somente de 1972 para cá é que, com a criação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), se começou a coordenar os trabalhos e se esclarecer os índios" disse ele.

EXTINGUIR A FUNAI

Segundo o padre Weschenfelder, a Funai, agora, chegando ao acampamento ou reserva para constatar a situação, vai dizer que este é um assunto interno da reserva e tentará abafar o problema. Aliás, acha ele que, se os índios estão reclamando de falta de condições é que não vêem o dinheiro dos arrendamentos, é porque o problema realmente existe e está aí para se comprovar.

Acha ele que o problema se acabará quando os índios puderem ser ouvidos. Aí, eles poderão expor seus problemas e se poderá fazer alguma coisa por eles.

Acrescenta que a Funai deve ser extinta e, em seu lugar, criado o Parque Nacional Indígena, onde os índios terão sua própria vida e serão livres, podendo ser visitados e ouvidos e permanecerem em sua vida natural. Desta maneira, afirma, os índios poderão trabalhar em conjunto, assumindo eles mesmos sua caminhada.

ÍNDIA NUA

O padre Weschenfelder diz que, há 19 anos, trabalha com a causa indigenista no Estado do Paraná e vem acompanhando estes conflitos. "Não sou um antropólogo", diz ele "apenas gosto de estudar seus comportamentos". Ele disse que, em 1500, no Brasil, viviam 5 milhões de índios, hoje são apenas 190 mil, falando 110 línguas diferentes.

Nos Estados do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, vivem, hoje, cerca de 14 mil índios, distribuídos em 36 áreas, e todos enfrentando o mesmo problema. A influência da Funai nisso tudo é de vital importância para calarem as tribos e ameaçá-los de expulsão, comentou ele, e admitiu que o rigorismo com que a Funai conduz esta causa, assemelha uma reserva a um verdadeiro campo de concentração.

Para afirmar isso, e comprovar o envolvimento da Fundação Nacional do Índio em seu regime autoritário dentro das reservas, Florindo Amaral, um descontente com a atuação do cacique Ivo Ribeiro Salles, na reserva de Guarita, e que está exilado no salão paroquial de Miraguaí desde quarta-feira de madrugada, juntamente com quase outros 200 índios, disse que, há poucos dias, a polícia indígena, bastante rigorosa e primitiva, prendeu sua filha e iria colocá-la na cadeia. Quando esta pediu, no meio da rua, para trocar de roupa, antes de ir para a prisão, a polícia obrigou-a a ficar nua diante deles, e a trocar de roupa ali mesmo.

Estas e outras acusações sobre a atuação na reserva de Guarita são normais entre os índios, ainda mais quando eles lembram que não poderão voltar para a reserva buscar seus pertences ou filhos sob pena de serem presos e torturados pela polícia indígena comandada por Ivo Ribeiro Salles. (**Flávio Damiani, de Cruz Alta**).

TUTTI FRUTTI

Na Atlântida FM ouça Tutti Frutti. Exclusivamente o que você programa.

Preencha e remeta este cupom.

Nome:
Endereço: Fone:
Bairro: Cidade:

Estas são as músicas que eu gostaria de ouvir na ATLÂNTIDA FM, em TUTTI FRUTTI:

1) 6)
2) 7)
3) 8)
4) 9)
5) 10)

ATLÂNTIDA FM 94.1 MHz
Rua TV Gaúcha, s/nº
Morro de Santa Teresa
90.000 - Porto Alegre

Tutti Frutti